

OS DESAFIOS DA PESQUISA SOCIAL NA PÓS-GRADUAÇÃO

Isabel Nercolini Ceron¹

Wilson Rafael Schimila²

Mareli Eliane Graupe³

Carmen Lucia Fornari Diez⁴

RESUMO: Este artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre técnicas e métodos de pesquisa social. O objetivo do estudo é elucidar métodos e técnicas de pesquisa social comumente utilizados na pós-graduação e, para tal, foram consultados livros e manuais de metodologia de pesquisa. A pesquisa tem local privilegiado na pós-graduação, o que constitui um desafio aos que nela chegam. Ela necessita de rigor metodológico para assegurar confiabilidade aos dados obtidos e precisa ter relevância social. O projeto de pesquisa constitui etapa fundamental para o bom andamento de todo o processo. O problema de pesquisa deve ser claro, conciso, passível de verificação científica. Na pesquisa social, existe a singularidade da subjetividade do pesquisador, que deve ser levada em consideração no processo de pesquisar. Os métodos mistos de pesquisa aparecem como uma alternativa interessante quando se busca uma maior confiabilidade nos dados. Ao final da trajetória, espera-se que o pesquisador tenha evoluído em sua construção teórica e contribuído para a ciência e para a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa social; Pós-graduação; Métodos de pesquisa.

ABSTRACT: This article is the result of a bibliographical research on techniques and methods of social research. The purpose of the study is to elucidate methods and techniques of social research commonly used in postgraduate studies, and for that, it has been consulted books and manuals of research methodology. The research has a privileged place in post-graduation, which is a challenge to those who arrive at it. It requires methodological rigor to ensure data reliability and needs to be socially relevant. The research project is a fundamental step for the good progress of the whole process. The research problem must be clear, concise, scientifically verifiable. In social research, there is the singularity of the researcher's subjectivity, which must be taken into account in the research process. Mixed search methods appear as an interesting alternative when looking for greater reliability in the data.

¹ Mestre em Educação. Pedagoga. Licenciada em Música. Atua na rede municipal de educação de Lages-SC. E-mail: isabelnceron@gmail.com

² Mestre em educação. Licenciado em Matemática. Bacharel em Ciência Política. Atua na rede estadual de ensino de Santa Catarina. E-mail: wilson.schimila@gmail.com

³ Pós-doutora em Ciências Humanas e Antropologia Social. Doutora em Educação e Cultura Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br

⁴ Pós-doutora em Filosofia. Doutora em Educação. Professora associada à Universidade Federal do Paraná (UFPR) no setor de Educação. E-mail: miuxe@uol.com.br

At the end of the trajectory, it is expected that the researcher has evolved in its theoretical construction and contributed to science and society.

KEYWORDS: Social research; Postgraduate studies; Research methods.

1 INTRODUÇÃO

Chegamos na pós-graduação. Após passar por prova teórica, análise de currículo, entrevista, o ingresso a um programa de pós-graduação constitui uma conquista pessoal significativa. Afinal, fomos aprovados, fomos aceitos. Alguém deve ter gostado do nosso anteprojeto. Alguém deve ter pensado que seríamos bons orientandos. Usufruímos de certo prestígio entre nossos entes em decorrência desse fato. Mas os desafios estavam apenas começando, diríamos hoje, com mais lucidez e ligeiramente mais experientes.

Após um período de imersão e reconhecimento da nova realidade, em torno de quatro meses – período no qual nos debruçamos sobre teorias, conceitos, métodos, prospecções, técnicas, dos mais variados autores, perspectivas teóricas e paradigmas – voltamo-nos com mais bravura à pesquisa propriamente dita, que estava, digamos, adormecida, nos esperando.

De pronto percebemos a árdua tarefa que teríamos pela frente: os desafios da pesquisa mostraram-se – e mostram-se – proeminentes e, por vezes, assustadores. Fomos apresentados ou revimos as técnicas, métodos e tipos de pesquisa, instrumentos de coleta e análise dos dados, questões éticas, tópicos de ordem prática, enfim, fomos colocados frente a um arcabouço teórico de pesquisa acadêmica.

É uma obviedade dizer que também se faz pesquisa na graduação. Contudo, consideramos neste estudo o aspecto da autonomia e emancipação do pesquisador como fundamento de um programa de pós-graduação. Sem dúvida, esta construção do pesquisador autônomo é um dos maiores desafios do pós-graduando e dos próprios programas. Naturalmente este processo se dá com a ajuda do orientador, que mostra os caminhos e contribui para o aprimoramento da pesquisa.

Assim surgiu o ensejo deste estudo, cujo objetivo é elucidar métodos e técnicas de pesquisa social comumente utilizados na pós-graduação. Para tal, faremos uso de uma pesquisa bibliográfica em livros e manuais que discutem metodologia, projetos e dicas práticas de pesquisa acadêmica.

2 PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA: PROJETO, RIGOR E MÉTODO

A pós-graduação é o local da pesquisa, por excelência. A pesquisa encontra nos programas de pós-graduação o seu local natural. Na graduação, o foco encontra-se na abstração e sistematização dos conhecimentos e saberes concernentes à área de formação. A pós-graduação, por sua vez, privilegia a pesquisa e a exploração de novos saberes, justificando, assim, sua existência. Severino (2009, p. 16) aponta que “[...] a única justificativa substantiva que pode sustentar a existência da pós-graduação é sua destinação à produção do conhecimento através da pesquisa articulada à formação de novos pesquisadores”.

A tarefa de pesquisar, para o recém pós-graduando, não é simples. As dificuldades surgem à medida em que se inicia o processo da pesquisa, desde o seu planejamento até às análises.

Um dos grandes desafios para aqueles que iniciam o ofício de cientista é estabelecer o elo entre os modelos abstratos gerados pela ciência e a prática de pesquisa. Durante vários anos, o aluno permanece na academia debatendo, absorvendo e empreendendo um passeio intelectual pelos vários paradigmas teóricos, em sua grande maioria, desenvolvidos noutro contexto histórico, a partir de outras variáveis e de condições estruturais distintas. Então, o aluno se depara com a necessidade de traduzir tais modelos em uma prática científica para analisar sua realidade local (PREMEBIDA *et al*, 2013, p. 09).

Para ser um bom pesquisador, alguns requisitos são necessários. Gil (2017, p. 02) elenca algumas qualidades intelectuais que o pesquisador deve possuir, quais sejam: “a) conhecimento do assunto a ser pesquisado; b) curiosidade; c) criatividade; d) integridade intelectual; e) atitude autocorretiva; f) sensibilidade social; g) imaginação disciplinada; h) perseverança e paciência e i) confiança na experiência”. Certamente características como estas acautelam um bom processo de pesquisa e corroboram na construção de um bom pesquisador.

De acordo com Goldenberg (2004, p. 13), “[...] a pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”. Ela nasce de uma curiosidade, uma dúvida. Traz em seu bojo, obrigatoriamente, um propósito de aprimoramento da ciência e do próprio mundo. Pesquisa-se para qual finalidade? Ora, se não é para uma certa melhoria social, o ato de pesquisar torna-se insignificante.

Pesquisa, de acordo com Gil (2017, p. 01) é o “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo fornecer respostas aos problemas que são propostos”.

Dito de outro modo, para que exista pesquisa, deve haver, portanto, um problema a ser respondido e um método a ser adotado. O problema, muitas vezes, é quase uma utopia: é o que se busca, o que se deseja investigar. Talvez, ao fim da pesquisa, não se responda totalmente ao problema, mas certamente espera-se uma maior familiaridade com o tema, com a ampliação do arcabouço teórico e com os resultados que a pesquisa poderá trazer.

Mas quais são os motivos que originam uma pesquisa? Gil (2017) aponta que existem razões de ordem intelectual e prática. Pode-se pesquisar pela própria intenção e satisfação de conhecer algo sobre o objeto de estudo, ou ainda para fazer algo de forma mais eficiente e eficaz.

Apresentando um conhecimento limitado, o pesquisador não consegue prever as etapas no início de sua pesquisa, e só tem meios para escolher um caminho “[...] quando se sabe onde se quer chegar” (GOLDENBERG, 2004, p. 14). Daí a importância de um projeto de pesquisa, que funciona como um guia norteador de todo o processo de pesquisar. “O planejamento da pesquisa pode ser definido como o processo sistematizado mediante o qual se pode conferir maior eficiência à investigação para em determinado prazo alcançar o conjunto das metas estabelecidas” (GIL, 2017, p. 03).

É absolutamente necessário um certo rigor para se fazer pesquisa. Goldenberg (2004, p. 13), entretanto, sinaliza que “[...] a pesquisa não se reduz a certos procedimentos metodológicos”. A metodologia científica deve auxiliar o pesquisador a criar um novo olhar, que seja “[...] científico, curioso, indagador e criativo” (GOLDENBERG, 2004, p. 11). O método é o instrumento de pesquisa do investigador, e é através dele que se pretende chegar aos resultados. Deve ter por base a premissa geral de que deve caminhar de acordo com um aparato teórico-conceitual prévio, pois sem ela, o método se constituiria em um instrumento isolado, desprovido de qualidades interpretativas (SALAINI, 2013).

3 DA QUESTÃO DE PESQUISA À HIPÓTESE

De acordo com Gil (2017, p. 07), “[...] toda pesquisa se inicia com algum tipo de problema, ou indagação”. O objeto de estudo e suas questões muitas vezes decorrem de interesses pessoais relacionados a experiências subjetivas cotidianas que encaminham para a curiosidade, inquietações e necessidades a serem respondidas e solucionadas. Os problemas de pesquisa também podem surgir da carência de dados sobre um problema, ou

de lacunas existentes no conhecimento de algo específico ou até mesmo surgir questões de estudos anteriores desenvolvidos (FLICK, 2013).

As questões de pesquisa precisam ser atuais, focadas e específicas, assim como necessitam apresentar relevância social e científica, nas quais suas respostas possam conduzir a novos *insights* e sugestões de soluções ao problema enfatizado (FLICK, 2013). Também é necessário que o problema seja claro e dirigido para um objetivo, verificando-o e investigando-o numa perspectiva teórica específica e por meio de métodos da pesquisa social. Ainda de acordo com Flick (2013, p. 34), “[...] as questões de pesquisa não definem apenas exatamente o que estudar e como, mas também que aspectos de uma questão podem ainda não ter sido considerados”.

O problema da pesquisa deve ser apresentado de maneira clara e objetiva, além de que deve ser necessariamente científico. Mas o que é um problema científico? Um problema de pesquisa é científico quando “[...] envolve proposições que podem ser testadas mediante verificação empírica” (GIL, 2017, p. 08). Para Diez e Horn (2011, p. 47), “[...] problematizar é especificar um ponto para ser resolvido, aquilo que significa contenda, desavença, discussão ou conflito em relação à temática escolhida, portanto é uma questão, um enunciado que interroga sobre como chegar a uma boa conclusão”.

As hipóteses, por sua vez, são afirmações que serão testadas empiricamente para sua comprovação ou não. Segundo Flick (2013) as hipóteses da pesquisa precisam esclarecer no projeto para quais áreas, objetos, indivíduos e questões elas são válidas e aplicadas. Salienta-se que as hipóteses precisam ser claras, específicas, incorporadas a uma estrutura teórica e metodológica. Em suma, hipótese é uma “[...] suposição ou explicação provisória do problema. Essa hipótese deve ser submetida a teste” (GIL, 2017, p. 16). As hipóteses podem surgir das mais variadas fontes, como observações, resultados de outras pesquisas, teorias ou intuição (GIL, 2017). É necessário que elas sejam conceitualmente claras, específicas e ter referências de ordem empírica e bibliográfica.

4 A SUBJETIVIDADE NA PESQUISA SOCIAL

A pesquisa social resguarda algumas características singulares, que exigem pressupostos e metodologias próprias: o objeto de estudo das ciências sociais é racional e é, portanto, muito mais complexo que os objetos das ciências naturais; o objeto de estudo das ciências sociais é histórico, estando a realidade em constante mudança; existe uma

identidade entre o sujeito e o objeto da pesquisa; o objeto da pesquisa social é naturalmente ideológico; e existe uma conexão entre teoria e prática (DEMO, 1985).

É pela pesquisa social que se buscam explicações para problemas e a compreensão das experiências do dia-a-dia dos seres humanos em suas relações, e a investigação se dá embasada em teorias científicas que determinarão a metodologia da pesquisa empírica. Para a realização desta forma de pesquisa, é necessário considerar os interesses científicos, assim como o contexto e as formas pelas quais se desenvolve o conhecimento, relacionando a ciência com os saberes cotidianos. A partir desta relação, formulam-se questões sobre o objeto de estudo procurando respondê-las através da coleta e análise de dados e explicações relacionadas ao objeto de pesquisa (FLICK, 2013).

A pesquisa social pode ser utilizada para explorar questões ou fenômenos, descobrir ou compreender relações por meio de coleta e análise de dados, para testar empiricamente teorias, proporcionando conhecimentos que estejam fundamentados de forma empírica. Não há possibilidade de uma única teoria ou um único método solucionar e abranger todos os objetos e fenômenos a serem estudados. Com o objetivo de proporcionar e ampliar o conhecimento e soluções para os problemas e questões, a pesquisa social, de acordo com Flick (2013), precisa considerar várias teorias e possibilidades metodológicas.

Cabe salientar a evolução pela qual a pesquisa social passou. Os primeiros pesquisadores sociais, formalmente falando, partiam do pressuposto de que “[...] os fatos humanos são semelhantes aos da natureza” (GIL, 2008, p. 04). Para os positivistas, patronados por Augusto Comte, a pesquisa era uma atividade neutra e objetiva, que buscava descobrir regularidades, em que o pesquisador não poderia fazer julgamentos (GOLDENBERG, 2004). De acordo, porém, com Medeiros (2013, p. 20), “[...] os cientistas sociais estão lidando com um objeto que se distingue radicalmente dos átomos e das moléculas”, e as explicações para isso, segundo Giddens (2005), residem no fato de que os humanos são seres autoconscientes que conferem sentido ao que fazem e, além disso, estão em constante processo de reconstrução das sociedades por meio de suas ações.

Uma das grandes características da pesquisa social é que o sujeito pesquisador está inserido no seu universo de pesquisa, enquanto ser humano. Sendo assim, é natural que carregue consigo preconceitos, opiniões e visões de mundo, o que pode interferir sensivelmente na pesquisa. Quanto à relação entre estes aspectos do pesquisador e a pesquisa em si, Goldenberg contribui dizendo que

[...] não podendo ser realizada a objetividade nas pesquisas sociais, e o conhecimento objetivo e fidedigno permanecendo como o ideal da ciência, o pesquisador deve buscar o que Pierre Bourdieu chama de *objetivação*: o esforço controlado de conter a subjetividade. Trata-se de um esforço porque não é possível realizá-lo plenamente, mas é essencial conservar-se esta meta, para não fazer do objeto construído um objeto inventado (2004, p. 45, grifos do original).

Para se controlar a parcialidade ou até mesmo o preconceito do pesquisador – o *bias* –, ele precisa ter consciência de que seus valores e crenças podem interferir na seleção e no encaminhamento de sua pesquisa. Necessita buscar, portanto, uma certa objetivação, controlando a sua subjetividade e considerando os critérios éticos. Segundo Goldenberg (2004, p. 45), “[...] quanto mais o pesquisador tem consciência de suas preferências pessoais mais é capaz de evitar o *bias*, muito mais do que aquele que trabalha com a ilusão de ser orientado apenas por considerações científicas”.

O processo de produção do conhecimento, através da pesquisa social, não é neutro, portanto. Pesquisadores são ao mesmo tempo sujeito e objeto da pesquisa e, por isso, podem influenciar ou ser influenciados no tocante aos resultados e análises dos dados. “Não há como eliminar completamente a subjetividade do pesquisador. Isto é particularmente verdadeiro no campo das ciências sociais, onde o pesquisador se propõe a estudar uma realidade da qual ele mesmo faz parte” (GIL, 2017, p. 12).

Para se evitar a parcialidade e o preconceito do pesquisador é necessário englobar todos os envolvidos no contexto explorado, realizando uma comparação dos pontos de vista sem acentuar qualquer juízo de valor. E, ao concluir a pesquisa, explicar sua escolha em relação ao que foi pesquisado, não escondendo as dificuldades enfrentadas, descrevendo todos os passos percorridos e até mesmo os resultados negativos obtidos. Assim, o leitor poderá compreender o contexto pesquisado e de qual forma ocorreu até chegar em suas conclusões. É importante refletir criticamente sobre os procedimentos utilizados na pesquisa, os métodos de coleta e análise de dados, os sujeitos participantes e uma análise reflexiva sobre os resultados, considerando a problemática do estudo.

5 A PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa quantitativa está voltada a estudar um fenômeno, por meio de hipóteses e conhecimentos que serão testados, enfatizando a mensuração para sua reaplicabilidade. Conforme Flick (2013, p. 22), nesta forma de pesquisa “[...] a coleta de dados é projetada de uma maneira padronizada”. Na pesquisa quantitativa, é possível estudar um grande número

de casos e objetiva-se resultados que possam ser analisados estatisticamente e reaplicados através de procedimentos padronizados, estudando causas e efeitos.

Por sua vez, a pesquisa qualitativa, de acordo com Flick (2013, p. 23), “[...] visa à captação do significado subjetivo das questões a partir das perspectivas dos participantes”. Desta forma, o pesquisador preocupa-se em descrever e interpretar a complexidade das situações e dos fenômenos. Pensa-se em generalizar o conhecimento em nível teórico, compreendendo a situação da pesquisa “[...] como um diálogo, em que a sondagem, novos aspectos e suas próprias estimativas encontram o seu lugar” (FLICK, 2013, p. 24).

Assim sendo, é possível diferenciar a pesquisa quantitativa da qualitativa. “A primeira está mais interessada nas frequências (e distribuições) dos fenômenos e nas razões para eles, enquanto a última se concentra mais nos significados vinculados a alguns fenômenos ou nos processos que revelam como as pessoas lidam com eles” (FLICK, 2013, p. 35).

Para planejar e conduzir uma pesquisa qualitativa, leva-se em consideração as relações sociais plurais existentes nas diferentes esferas de vida, o que exige uma certa sensibilidade na realização do estudo empírico em relação ao tema e questões abordadas (FLICK, 2009). É possível verificar que se ampliam cada vez mais contextos e perspectivas sociais diferentes, sendo necessário limitar as questões em termos locais, temporais e situacionais particulares e específicas. Segundo Flick (2009, p. 21) “[...] em vez de partir de teorias e testá-las, são necessários ‘conceitos sensibilizantes’ para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados”.

Na pesquisa qualitativa, o objetivo está em desenvolver um texto e uma pesquisa empírica fundamentada, argumentada, o que contribuirá na percepção da relevância do objeto estudado e se o método utilizado foi adequado ou não para atingir os objetivos elencados e para as reflexões do pesquisador. Para tanto, o pesquisador precisa mostrar curiosidade, abertura e reflexividade em todo o processo, pensando constantemente no tema e nas questões trazidas, assim como se o método de pesquisa contempla ou não os objetivos a que se quer chegar.

Há uma grande variedade de abordagens e métodos na pesquisa qualitativa e estes serão relevantes na medida em que contemplem o objeto estudado. Aprende-se a realizar uma pesquisa qualitativa na prática do trabalho de campo e na análise do material de pesquisa, refletindo durante cada etapa.

Goldenberg (2004, p. 14) enfatiza que “[...] na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.”. Diez e Horn (2011, p. 22), corroboram com esta ideia quando dizem que “[...] a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de seu objeto”.

Numa pesquisa qualitativa o objetivo é compreender profundamente os fenômenos sociais, entrecruzando diferentes fontes, entrevistando intensamente e observando por um longo período de tempo para enfatizar as particularidades do contexto a ser pesquisado buscando compreender os indivíduos (GOLDENBERG, 2004).

De acordo com Martins (2004, p. 292), “[...] as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais”. Sendo assim, ao delimitar o objeto de estudos, o pesquisador precisa deixar claro o porquê da escolha deste objeto e qual a relevância deste para possíveis pesquisas posteriores, explorando o problema em profundidade, trazendo em sua pesquisa todas as etapas percorridas, os acertos e erros, as dificuldades e sucessos, os diferentes pontos de vista, concluindo com sua análise e reflexão do contexto considerado e possibilitando para que os leitores possam fazer suas próprias análises das conclusões obtidas.

6 MÉTODOS MISTOS

É possível relacionar e integrar a pesquisa qualitativa com a pesquisa quantitativa, uma apoiando a outra e contribuindo para o enriquecimento de um mesmo estudo. De acordo com Flick (2009, p. 39) “[...] os aspectos estruturais são analisados com métodos quantitativos, e os aspectos processuais analisados com o uso de abordagens qualitativas”. A combinação entre as abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa resulta numa metodologia mista.

É um equívoco pensar que apenas dados quantitativos conduzem a resultados relevantes e consideráveis, da mesma forma que dados qualitativos de pesquisa não são apenas ilustrativos e desempenham importante papel num projeto. Segundo Flick (2009, p. 43), “[...] um estudo poderá incluir abordagens qualitativas e quantitativas em diferentes fases do processo de pesquisa sem concentrar-se necessariamente na redução de uma delas a uma categoria inferior”.

As diferentes abordagens metodológicas, ao se complementarem focalizando um único caso, podem analisar a temática e suas questões trazendo validação mútua dos resultados obtidos, procurando conhecer de forma mais aprofundada o assunto abordado. É necessário pensar em uma não rivalidade entre os métodos de pesquisa, uma não competitividade entre eles. Creswell (2007, p. 211) aponta que “[...] esses procedimentos se desenvolveram em resposta à necessidade de esclarecer o objetivo de reunir dados quantitativos e qualitativos em um único estudo”.

A triangulação, por exemplo, é uma possibilidade de combinar diversos métodos qualitativos como também entre métodos qualitativos e quantitativos por meio da “[...] associação dos resultados das pesquisas qualitativa e quantitativa no mesmo projeto ou em projetos distintos, um após o outro ou simultaneamente” (FLICK, 2009, p. 46).

Goldenberg (2004, p. 62, grifos do original), sugere que “a integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um *cruzamento* de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular”.

Em relação a generalização das descobertas na pesquisa qualitativa, Flick (2009) considera como questão mais importante que a pesquisa apresente uma fundamentação teórica sólida e consistente. Na pesquisa qualitativa não importa a quantidade de casos estudados, mas a qualidade da reflexão sobre a amostragem.

7 O PROCESSO DE REVISÃO DE LITERATURA NA PESQUISA SOCIAL

Segundo Flick (2009), a era das grandes teorias já passou e estamos numa época de pesquisar situações problemas contextualizadas, relacionando com pesquisas em campos já existentes. Para a pesquisa adquirir consistência e relevância, independente da área a qual pertença, é necessário primeiramente o pesquisador familiarizar-se com a literatura disponível sobre seu tema. O autor sugere que o pesquisador utilize diversos tipos de literatura em um estudo qualitativo, incluindo:

- literatura teórica sobre o tema do estudo;
- literatura empírica sobre pesquisas anteriores na área do estudo ou em áreas similares;
- literatura metodológica sobre como realizar a pesquisa e sobre como utilizar os métodos escolhidos;
- literatura teórica e empírica para a contextualização, a comparação e a generalização das descobertas (FLICK, 2009, p. 62).

Ao realizar uma revisão de literatura teórica, o pesquisador poderá verificar o que já foi descoberto sobre o assunto que pretende abordar, quais teorias e conceitos são usados e discutidos e o que ainda não foi estudado ou aprofundado sobre a temática.

No processo de pesquisa, as revisões de literatura fundamentarão os argumentos do pesquisador, relacionando suas observações e descobertas com pesquisas, teorias, conceitos e estudos já desempenhados, seja para enfatizar aquilo que foi descoberto ou fazer contradições. Conforme Flick (2009, p. 67), “[...] a realização de uma boa revisão da literatura consistirá em uma parte fundamental do relatório de pesquisa”. A forma como a literatura é usada no estudo evidenciará o domínio e a compreensão do pesquisador sobre o tema e a área abordada.

Flick (2013) destaca três áreas de literatura necessárias para realizar uma pesquisa: literatura teórica, literatura metodológica e literatura empírica. A literatura teórica traz conceitos, definições e teorias sobre o tema e as questões estudadas, com o objetivo de conhecer o objeto de estudo, as controvérsias e as lacunas ainda existentes. A literatura metodológica acentua a importância de ler sobre metodologias relevantes antes de decidir qual o método utilizará para a realização da pesquisa, procurando livros e autores que tratem sobre o(s) método(s) escolhido(s) e exemplos de pesquisas já desempenhadas anteriormente. Em relação à literatura empírica, é relevante que o pesquisador examine pesquisas já efetuadas em sua área de interesse, observando e avaliando os métodos e os resultados obtidos.

No tocante à organização e documentação da literatura, para evitar plágios ou perder as fontes encontradas, seria interessante organizar, em fichas de leitura ou em arquivos eletrônicos, anotações, pontos relevantes e palavras chaves dos materiais buscados e analisados, anotando a fonte para poder retornar no material original sempre que necessário. Segundo Flick (2013, p. 46), “[...] uma revisão ou uma análise de literatura serão mais produtivas, ordenando o material e produzindo uma avaliação crítica dele, o que envolve a seleção da literatura e a ponderação sobre ela”.

8 APONTAMENTOS SOBRE ALGUMAS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Na pesquisa social a coleta de dados empíricos pode se dar mediante algumas técnicas. Neste estudo, faremos algumas considerações exordiais sobre entrevista, questionário e observação.

A entrevista é uma técnica de coleta de dados que busca compreender a opinião do entrevistado sobre um determinado tema. Deve ser conduzida, obrigatoriamente, entrevistas, isto é, na forma de uma conversa em que os dois interlocutores estejam presentes de forma real ou virtual, em interação imediata. Flick (2013, p. 115) explica que o objetivo da entrevista é “obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema”.

Os tópicos a serem respondidos devem propiciar um diálogo entre entrevistador e entrevistado, que ocupam papéis sociais distintos. De acordo com Gil (2008, p. 119), a entrevista é “[...] uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”. É desejável que este diálogo seja o mais natural possível, a fim de que realmente sejam obtidas as informações necessárias à pesquisa.

Gil (2008) atribui algumas razões pelas quais as entrevistas são amplamente utilizadas em pesquisa social e dá destaque para o fato de que a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social, além de que esses dados são suscetíveis de classificação e de quantificação.

Enquanto a entrevista coleta os dados através da fala e dos relatos do entrevistado, o questionário é proposto aos respondentes por escrito ou com o auxílio da informática. Possui, por natureza, uma padronização típica de pesquisas quantitativas. Weisheimer (2013) explicita que o questionário possibilita um processo de objetivação dos dados sociais, que asseguram as condições de confiabilidade necessárias ao fazer científico.

De acordo com Flick (2013, p. 110), “[...] os estudos de questionário têm por objetivo receber respostas comparáveis de todos os participantes” e, por esta razão é aconselhável que as perguntas sejam redigidas com cuidado para que não sejam demasiado complexas ou multidimensionais e, além disso, as perguntas devem ser as “[...] mais curtas e simples possíveis” (FLICK, 2013, p. 111).

A construção do questionário busca traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas (GIL, 2008), sendo esta construção, portanto, um procedimento técnico cuja elaboração requer uma série de cuidados. Conforme o mesmo autor, dentre as vantagens do

questionário estão o anonimato das respostas e o grande número de pessoas que podem ser atingidas.

Outra técnica de coleta de dados amplamente utilizada na pesquisa social é a observação que, de acordo com Gil (2008, p. 100), é “[...] o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”. É por meio da observação, nas suas mais variadas formas, que o pesquisador pode analisar relações sociais diretamente, sem a intermediação de outras pessoas, possibilitando, assim, uma análise mais apurada e próxima da realidade.

Laville e Dionne (1999) alertam para o fato de que a observação, para ser realmente científica, não deve ser uma busca ocasional, mas ser posta a serviço de um objeto de pesquisa, questão ou hipótese, claramente delimitado. Isso pressupõe um objetivo a ser buscado com a observação, através da qual as perguntas poderão ser respondidas.

Os tipos de observação variam, de acordo com Gil (2008), em observação simples, participante e sistemática. Na observação simples o pesquisador permanece alheio à comunidade ou grupo que pretende estudar e tem uma posição de espectador. Já na observação participante, o pesquisador é um sujeito ativo no grupo pesquisado, assumindo o papel de um membro da comunidade. A observação sistemática é utilizada quando se pretende descrever precisamente os fenômenos, e o pesquisador deve definir claramente quais aspectos observar, através de um plano de observação (GIL, 2008).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pós-graduação e o ato de pesquisar são muito mais do que uma qualificação pessoal e profissional. A pesquisa precisa ser executada com entusiasmo e energia, além de possuir relevância social, possibilitando transformações, reflexões, ampliação de conhecimentos e possíveis continuações de novos estudos. É pesquisando que se aprende a pesquisar. E é preciso termos humildade no decorrer dos estudos, sabendo ouvir as orientações e conselhos do orientador e dos colegas que estão na jornada da pesquisa. É por meio das relações que construímos o conhecimento; este, produzido em conjunto, torna essa produção muito mais relevante para a vida social.

A pós-graduação salvaguarda seu objetivo principal de promover ciência e disseminar novos saberes, sem ter a pretensão de abandonar o arcabouço teórico que a humanidade possui. Este, se bem utilizado, poderá constituir a base do que se almeja

descobrir. É preciso, portanto, que esta base seja firme e consistente, para que possa permitir o desenvolvimento de novos conhecimentos, em uma sociedade de tantas possíveis descobertas.

A missão de pesquisar requer foco, determinação e autoconfiança. O rigor metodológico da pesquisa irá acautelar os resultados, e quando bem descritos, assegurarão confiabilidade aos dados obtidos. O algoritmo da metodologia constitui papel fundamental em todo o processo, pois evidenciará os caminhos a serem percorridos.

Ao se encerrar uma pesquisa, espera-se que o pesquisador tenha evoluído em sua construção teórica, metodológica e empírica e, para além disso, que tenha contribuído para a ciência e para a sociedade.

AUXÍLIOS RECEBIDOS

Este trabalho contou com o auxílio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- DIEZ, C. L. F.; HORN, G. B. **Orientações para elaboração de projetos e monografias**. 3. ed. Curitiba: Vozes, 2011.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FLICK, U. **Métodos de pesquisa: introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- LAVILLE, C; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

CERON, I. N.; SCHIMILA, W. R.; GRAUPE, M. E.; DIEZ, C. L. F.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 2, n. 30, p. 289-300, ago. 2004.

PREMEBIDA, A. et al. **Pesquisa social**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

SALAINI, C. J. Entrevista em profundidade: para além do esquema pergunta-resposta. *In*: Premebida, A. *et al.* **Pesquisa social**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

SEVERINO, A. J. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 26, p. 13-27, abr. 2009.

WEISHEIMER, N. O questionário na pesquisa social. *In*: Premebida, A. *et al.* **Pesquisa social**. Curitiba: Intersaberes, 2013.